

EIXO TEMÁTICO 3 | DEMOCRACIA, CONTROLE SOCIAL E GESTÃO PÚBLICA

A ATUALIDADE DO PENSAMENTO CRÍTICO DE ATÍLIO BORÓN

THE CONTEMPORARY RELEVANCE OF ATILIO BORÓN'S CRITICAL THINKING

José Evanes Brasil Júnior¹
Clerislânia de Albuquerque Sousa²

RESUMO

Neste artigo, abordamos a atualidade do pensamento crítico do cientista político argentino Atílio Borón para entender fenômenos do passado e como são inseridos na contemporaneidade não só no Brasil, mas também no Ceará. A partir de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, são apresentados elementos que corroboram não apenas para a atualidade do debate, mas também para a importância dos estudos de Borón. A pesquisa revelou a importância dos movimentos sociais em combater a chamada globalização neoliberal.

Palavras-chave: Atílio Borón; bolsonarismo; capitalismo, imperialismo; neoliberalismo.

ABSTRACT

In this article, we address the current critical thinking of Argentine political scientist Atílio Borón to understand phenomena from the past and how they are inserted in contemporary times not only in Brazil, but also in Ceará. Based on bibliographical and descriptive research, elements are presented that corroborate not only the current nature of the debate, but also the importance of Borón's studies. The research revealed the importance of social movements in combating the so-called neoliberal globalization.

Keywords: Atílio Borón; Bolsonaroism; capitalism, imperialism; neoliberalism.

¹ Doutorando em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará – PPGPP/UECE. E-mail: junior_evanes@hotmail.com

² Doutoranda e mestre em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará – PPGPP/UECE. E-mail: clerislania@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Atilio Borón é um cientista político argentino, PhD em Ciência Política pela Universidade de Harvard. Atua como professor titular de Teoria Política e Social na Universidade de Buenos Aires e realiza atividades acadêmicas em diversas outras universidades na América Latina, destacando-se como um importante pensador crítico latino-americano.

Entre seus interesses de pesquisa e produção acadêmica encontram-se a crítica ao neoliberalismo, à democracia burguesa, à globalização neoliberal e ao imperialismo.

Seus estudos continuam sendo de fundamental importância não apenas para entender fenômenos do passado, mas para visualizarmos como eles estão configurados na atualidade. Atilio Borón e sua obra possibilitam aos pesquisadores uma melhor compreensão dos impactos do neoliberalismo no passado e no presente, assim como, o papel da luta dos movimentos sociais nesse processo.

A proposta desta pesquisa é realizar um estudo bibliográfico e descritivo sobre o pensamento de Atilio Borón a partir de sua obra e de outros autores e apresentar, como sua leitura crítica sobre o neoliberalismo e o imperialismo podem ser contextualizadas na atualidade, a partir de momentos específicos no Brasil, sendo a pandemia da Covid-19 e o período de Jair Bolsonaro como presidente e no Ceará, a partir dos desdobramentos decorrentes do avanço do bolsonarismo.

2 TRÊS CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES NO PENSAMENTO DE ATÍLIO BORÓN.

A crítica de Atilio Borón à globalização neoliberal pode ser apontada como a primeira consideração importante em seu pensamento. Desde os últimos anos do século XX, com a queda do Muro de Berlim em 1989, o desmembramento da URSS em 1991 e as reformas na China de Deng Xiaoping, predomina nos meios acadêmicos a ideia de uma Nova Ordem Mundial, marcada pelo fenômeno da globalização.

A globalização representaria, para muitos ideólogos da ordem burguesa, o “fim da história”, resultado do progresso alcançado pela humanidade, marcado pela inexistência de fronteiras nacionais, liberalização de capitais, domínio de meios de comunicação que encurtam distâncias e aproximam culturas variadas e a inexistência de um imperialismo que outrora provocara grandes conflitos mundiais, como a Primeira e a Segunda Grande Guerra.

Atílio Borón desconstrói a ideia de uma globalização como fenômeno natural do progresso técnico-científico e denuncia o seu caráter neoliberal. Na realidade, a globalização que conhecemos é resultado de uma nova fase do capitalismo, em que a liberalização de capitais e o predomínio de empresas transnacionais é determinante. Além disso, alimenta-se de uma ideologia econômica neoclássica que enxerga o ser humano reduzido à mesquinhez do livre mercado e interessado no comércio acima de tudo, o que poderíamos qualificar como *homo economicus*. Esta concepção, porém, reduz a natureza humana ao pressuposto liberal desenvolvido ainda no século XVIII, extremamente problemático do ponto de vista epistemológico e impensável à luz da história e da realidade social.

A segunda consideração importante no pensamento de Borón advém da reflexão acima. Em sua crítica à obra “Império” (2000) de Michael Hart e Antônio Negri, o pensador crítico argentino aponta para a existência do imperialismo no contexto da globalização. Portanto, não cabe aos cientistas sociais negarem o imperialismo nos tempos de hoje ou mesmo se contentarem com uma “radicalização da democracia” como propõem Laclau e Chantall Moufe.

Em seu texto “*Hegemonía e Imperialismo em el Sistema Internacional*” (2020), Borón analisa as concepções clássicas sobre o imperialismo, sintetizadas em três pressupostos: a) a estreita relação entre imperialismo e crise do capitalismo nas economias metropolitanas; b) a guerra interimperialista como resultado das disputas; c) a impossibilidade do avanço do capitalismo em regiões periféricas ou agrárias, diante da necessidade de um ambiente “não capitalista” como condição própria de sua existência.

Atílio Borón aponta que o primeiro pressuposto não condiz com a realidade histórica do pós-Segunda Guerra Mundial, pois os países centrais passaram por um desenvolvimento econômico atrelado à expansão imperialista, sobretudo norte-americana. O segundo pressuposto também foi afetado pelos conflitos mundiais, na medida em que após o grande conflito encerrado em 1945, a disputa armamentista e militar assumiu nova configuração, o que não implicou na ausência de guerras, sobretudo no Terceiro Mundo. Já o avanço do capitalismo em regiões periféricas e agrárias nos tempos atuais contradiz as concepções clássicas sobre o imperialismo.

Diante desta reflexão, Atílio Borón aponta para a necessidade de se observar as transformações no capitalismo, sobretudo a partir da globalização neoliberal, de maneira a não se negar a existência do imperialismo, mas enxergá-lo como uma nova fase do capitalismo. Porém, isto não deve cair em um imobilismo em relação ao imperialismo, mas na necessidade de uma análise crítica da realidade posta para a sua transformação e superação.

A terceira contribuição do pensamento de Borón é de matiz epistemológica. A sua crítica busca a práxis social, ou seja, a transformação. Borón produz sua reflexão teórica a partir da prática e para a prática de enfrentamento ao capitalismo, necessidade urgente diante de um modelo predatório e genocida dominante. Para tanto, desconstrói a naturalidade do capitalismo defendida por seus ideólogos, através das concepções de livre mercado neoclássicas, aponta seu caráter destrutivo do meio ambiente e genocida da vida de milhões de pessoas em todo o planeta.

Porém, como um pensador crítico latino-americano que produz conhecimento teórico para a urgente e necessária transformação social, o crítico argentino aponta para o protagonismo da luta dos movimentos sociais no enfrentamento ao capitalismo: das massas de trabalhadores, de jovens, de mulheres, de indígenas, de minorias de todo tipo.

2.1 Contribuição de Atilio Borón para o pensamento latino-americano

A crítica à globalização, denunciando seu caráter imperialista, contribui para o avanço da compreensão do imperialismo na América Latina. Borón demonstra que apesar do apagamento do termo “dependência” ou “imperialismo” em muitos estudos que reduzem estes fenômenos ao passado, a atualidade deste debate se faz necessária e urgente.

Além disso, a ênfase no protagonismo dos movimentos sociais como capazes de enfrentar a globalização neoliberal e seus ditames contribui para a prática da transformação social. Borón não constrói uma crítica pessimista que desemboca em um estado de letargia dos movimentos de resistência, mas que contribui para melhor conhecer a realidade social e provocar a sua superação.

Faz-se necessário destacar a sua crítica ao capitalismo como um modelo predatório e genocida. Ao abordar as implicações da globalização neoliberal sobre o meio ambiente, o autor argentino demonstra a necessidade de um modelo social antineoliberal e anticapitalista que construa novas relações do ser-humano com a natureza. Portanto, aborda a urgente necessidade de romper com a lógica capitalista predatória do meio ambiente.

No tocante ao caráter genocida do capitalismo na atual fase da globalização neoliberal, o pensamento de Borón enfatiza não só o caráter predatório com o meio ambiente, mas também com os seres humanos. Milhões de pessoas morrem, em frações superiores aos óbitos provocados pelos grandes mundiais, como a Segunda Grande Guerra, em virtude da política

genocida implementada que nega os direitos humanos, sobretudo alimentação, saúde, meios econômicos de sobrevivência e moradia digna, à grande maioria da humanidade em apoio às manobras rentistas dos grandes detentores do capital transnacional.

No tocante ao rentismo e ao capital transnacional, o crítico argentino demonstra os aspectos contraditórios do discurso de seus ideólogos. O capital rentista que representa frações superiores ao produto interno bruto - PIB de países latino-americanos como México, Brasil e Argentina, em uma espécie de “capitalismo de cassino”, se caracteriza pela possibilidade de ganhar lucros exorbitantes em minutos, mas também de perdê-los da noite para o dia. Nesse sentido, torna-se mais interessante para os setores econômicos dominantes do que a aplicação do capital no setor produtivo, o que tem resultado em baixas taxas de investimento e geração de emprego.

Com relação às contradições das chamadas “empresas transnacionais”, Borón demonstra que na prática são empresas nacionais: sobretudo empresas estadunidenses que dominam diversos setores de tecnologia e serviços e lucram com a abertura de fronteiras nacionais para sua atuação.

2.2 Atualidade do pensamento de Atilio Borón: reflexões a partir do Brasil e do estado do Ceará

Para a análise da atual conjuntura política brasileira, o pensamento crítico de Atilio Borón torna-se fundamental. Sua crítica ao papel da globalização neoliberal e do capital rentista para um modelo de exploração predatório e genocida, é bastante elucidativa, sobretudo considerando o contexto brasileiro da pandemia de 2020, com a presidência de Jair Messias Bolsonaro.

Para o ex-presidente, que encabeça um reacionarismo de direita e um projeto neoliberal de destruição de direitos, a vida esteve subordinada aos ditames do capital. Por isso, sua política contrária às medidas de isolamento social e à vacinação pública levou à morte milhares de brasileiros em pouco tempo. No tocante à destruição ambiental, declarações de seus ministros, como Ricardo Salles, do Meio Ambiente, defendendo que se aproveitasse o caos social da pandemia para “passar a boiada”³, demonstra o caráter predatório de seu governo na intenção de eliminar políticas de proteção ambiental.

³ Em reunião ministerial realizada em 22 de abril de 2020, o então ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, defende a ideia de aprovar medidas ligadas a mudança ambiental, uma vez que o foco da mídia estava direcionado para a pandemia da Covid-19. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml> Acesso em 02 mai. 2024.

Outro ponto em que o pensamento de Atílio Borón ajuda a compreender o Brasil é no tocante à democracia. Desde o golpe que levou ao impeachment da presidente Dilma Rousseff e trouxe ao poder Michel Temer, a crise da democracia brasileira tornou-se evidente. Sem nenhuma legitimidade popular, mas agradável aos interesses do capital em torno de reformas, Michel Temer liderou o processo político que conduziu à Reforma da Previdência e à Reforma Trabalhista, que tolheram direitos da classe trabalhadora.

Com as eleições de 2018, e a ascensão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e do bolsonarismo enquanto um fenômeno político, a democracia brasileira foi minada pelo discurso de ódio da extrema-direita, herdeira do fascismo e do integralismo brasileiro, alimentada pelo ódio à esquerda, antipetismo, anticomunismo e execração de pautas sociais.

Imbuídos pelo fundamentalismo religioso, sobretudo de igrejas neopentecostais que difundiram Bolsonaro como o “messias” enviado por Deus para salvar o Brasil do “comunismo” de Lula e do PT, apropriaram-se de novas ferramentas de comunicação, como as redes sociais, sobretudo WhatsApp, Facebook e Instagram, para seu projeto político e ideológico de poder e manipulação social.

Além disso, este grupo associou-se com correntes liberais e conservadoras, como o Movimento Brasil Livre (MBL), difusor do pensamento neoliberal entre jovens nas redes sociais, sobretudo no Youtube. A ascensão de membros do MBL à condição de parlamentares somou-se à notoriedade alcançada por aquele que se tornaria o guru da extrema-direita brasileira: o astrólogo Olavo de Carvalho.

Também popular em mídias sociais como o Youtube, Olavo de Carvalho escreveu livros e vendeu “cursos de filosofia” que propagavam antigas distorções e visões estereotipadas de autores como Paulo Freire e Antônio Gramsci. Diante de uma extrema-direita delirante e desprovida de intelectuais embasados, teve a virtú de assumir um posto de liderança intelectual vacante, revisitando antigos preconceitos para com a esquerda e o pensamento crítico, vigentes ainda nos EUA na época do macarthismo. Sua principal pauta era a chamada “doutrinação nas escolas e universidades”, alegando que os professores manipulavam seus alunos para se tornarem de esquerda, comunistas e petistas, em um devaneio que beira à insanidade.

Mas este discurso fazia parte de um projeto anticiência que levou à morte milhares de brasileiros durante a pandemia. A notoriedade assumida pelo referido astrólogo foi tamanha, que pôde indicar ministros ao ex-presidente Bolsonaro, em um claro projeto de silenciamento de críticos e de destruição da democracia e da liberdade de expressão. Por isso, partindo da

crítica de Borón, é possível afirmar que os discursos deste grupo, atrelados ao discurso anticiência, consistiram no que denomino “política de insanidade” que buscava minar a democracia sem a necessidade de um golpe no sentido clássico, como perpetrado pelos militares do Brasil em 1964.

Isto porque, no discurso deste grupo, a democracia estava mantida, uma vez que o presidente fora eleito por maioria das urnas. Ao mesmo tempo, em que flertavam com atitudes autoritárias contra os Três Poderes e a Constituição Federal. O ódio como política⁴, na expressão da professora Esther Solano Gallego, tornou-se a prática para a vitória nas eleições e o silenciamento de opositores. Ao mesmo tempo, como diria Borón, alimentava-se a apatia e o interesse da coisa pública, com a demonização da política entre os fiéis do Bolsonarismo e a figura do presidente como o salvador da pátria.

No estado do Ceará, lideranças de extrema-direita ganharam notoriedade política, alimentadas pelo Bolsonarismo, e o discurso de “segurança”. Uma dessas figuras foi o candidato a governador, derrotado nas últimas eleições, Capitão Wagner⁵. Apesar de não ter conseguido chegar à vitória, seus índices de aprovação, sobretudo na capital, chamam atenção: o discurso da segurança, com a ênfase na necessidade do uso de métodos autoritários, acrícos, de forma a se apropriar dos altos índices de violência urbana e das contradições nas grandes metrópoles, como a cidade de Fortaleza, encabeça a retomada de uma política estadual contrária aos interesses populares, também se apropriando do antipetismo e anticomunismo.

No caso em questão, setores conservadores ligados ao discurso de segurança, apropriaram-se do medo da violência urbana por parte de grande parte da população, para ganhar notoriedade e defender projetos autoritários e neoliberais. Este discurso é propagado diariamente em jornais policiais que há muitos anos possuem grande audiência no estado do Ceará, sendo, inclusive, caminho “natural” para o ingresso na carreira política de muitos dos defensores do “discurso de segurança”⁶.

⁴ A obra traz uma coletânea de textos de diversos autores debatendo o período de avanço e fortalecimento da direita no cenário político brasileiro.

⁵ Elmano de Freitas (PT), venceu as eleições para governador no Ceará no 1º turno com 53,59% dos votos válidos. Capitão Wagner (UNIÃO), ficou na segunda colocação, com 32,16% dos votos válidos. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/elmano-de-freitas-pt-e-eleito-governador-do-ceara>

⁶ No estado do Ceará, há décadas os programas policiais somam enorme audiência, sobretudo no horário de almoço, ao meio-dia. Explorando cenas de violência e caos social, tornaram-se verdadeiros fenômenos da televisão cearense. De seus quadros já saíram diversos vereadores e deputados, além do prefeito Vitor Valim, da cidade de Caucaia, na região metropolitana de Fortaleza.

O bolsonarismo cearense se apropria deste quadro ao associar as pautas de esquerda e de direitos humanos aos índices de violência urbana. Na voz dos apresentadores de programas policiais, seguindo um discurso semelhante e pautado no projeto político do Capitão Wagner, afirmam diariamente a necessidade de endurecimento das forças policiais, liberalização da violência do Estado e enfraquecimento das garantias de direitos humanos como forma de impedir a propagação da violência no Ceará.

Desprovido de qualquer análise crítica e científica do fenômeno da violência urbana, sobretudo de questões políticas, econômicas e sociais envolvidas no avanço de facções ligadas ao crime organizado e ao tráfico de drogas, este discurso é apropriado por setores de extrema-direita em projetos perversos de destruição da democracia e dos movimentos sociais.

Além da figura política do Capitão Wagner, surgiu uma outra liderança de extrema-direita no Ceará: o deputado federal André Fernandes⁷. Jovem e com forte engajamento nas redes sociais, ganhou notoriedade com o discurso de moralidade, anti-esquerda e “anti-Paulo Freire”. Suas ações e falas garantiram a notoriedade que precisava nas redes sociais, sobretudo de bolsonaristas, oportunizando a projeção necessária e alimentando a crise da democracia no estado do Ceará.

3 CONCLUSÃO

Conforme exposto, foi possível observar a atualidade da obra e do pensamento de Atílio Borón para pensar o Brasil e o estado do Ceará, mas traduzem uma tentativa de traçar um panorama geral do quanto este autor contribui para a crítica da situação política local. A denúncia de um capitalismo em fase de globalização neoliberal, que é imperialista, altamente ideológico, predatório e genocida se faz urgente no Brasil, sobretudo no estado do Ceará.

Além disso, Borón aponta para a sua necessária e urgente superação, tendo como primeiro passo analisar criticamente esta realidade, para construir a sua superação. Esta, como diria Borón, só poderá ser alcançada com a aproximação da prática dos movimentos sociais em uma luta “antineoliberal, potencialmente anticapitalista”, como diria o autor, capaz de construir novos rumos e um modelo de sociedade pós-capitalista.

⁷ Atualmente André Fernandes é pré-candidato à Prefeitura de Fortaleza pelo Partido Liberal – PL. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pontopoder/com-presenca-de-bolsonaro-pl-oficializa-pre-candidatura-de-andre-fernandes-em-fortaleza-1.3499975> Acesso em 02 mai. 2024.

REFERÊNCIAS

BORÓN, Atílio. Hegemonía e imperialismo em el sistema internacional. In: Bitácora de un navegante: Teoría política y dialéctica de la historia latino-americana: antología esencial. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

BORÓN, Atílio. La razón extraviada: la crítica neoliberal y el estado em los capitalismos contemporáneos. In: Estado, capitalismo y democracia em América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

GALEGO, Esther Solano (org.). O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

